

Projeto de Pesquisa FAPESP

A poética experimental de Arnaldo Antunes: uma concepção verbivocovisual de linguagem

The experimental poetics of Arnaldo Antunes: a verbivocovisual conception of language

Candidata: Rafaela dos Santos Batista

Orientadora: Luciane de Paula

Resumo: Esta pesquisa pretende analisar na poética experimental de Arnaldo Antunes (AA), a verbivocovisualidade presente como um traço estilístico arquitetônico, inspirado pelo grupo Noigandres. O projeto se fundamenta na filosofia da linguagem bakhtiniana, em especial nos conceitos de signo ideológico, voz social, estética e ética, vida e arte, autoria, gêneros do discurso, linguagem e enunciado, uma vez que assume, calcado no Círculo de Bakhtin, a tridimensionalidade da linguagem em sua integralidade potencial e concreta. Pretende-se refletir como a palavra-coisa é trabalhada por AA em duas frentes que guiam a observação: a relação entre música e poesia e o projeto gráfico-visual do autor-criador. Os poemas que comporão o *corpus* da pesquisa serão coletados de acordo com critérios temático-figurativos, espaço-temporal e genérico, em interação com outros enunciados, calcado na metodologia dialético-dialógica de cotejamento. A pertinência e relevância da proposta se encontra na reflexão sobre traço estilístico de AA, como ato composicional e por representar o movimento poético que vivencia a verbivocovisualidade da linguagem de modo intenso, a refletir e refratar um trabalho metalinguístico que evidencia uma concepção de arte e de linguagem, mundo e sujeito. Ao se voltar para a questão da verbivocovisualidade como noção de linguagem bakhtiniana em ato por meio da poética de AA, esta proposta pretende, como resultado, contribuir para o escopo bakhtiniano e nas esferas da arte, mídias e da educação, já que linguagem constitui a vida de modo substancial.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin, Verbivocovisualidade, Filosofia da linguagem.

Abstract: This research aims to analyze the verbivocovisuality present in the experimental poetics of Arnaldo Antunes (AA), as an architectural stylistic trait, inspired by the Noigandres group. The project is based on Bakhtinian language philosophy, especially on the concepts of ideological sign, social voice, aesthetics and ethics, life and art, authorship, discourse genres, language and utterance, since it assumes, based on the Bakhtin Circle, the three-dimensionality of language in its potential and concrete integrality. The aim is to reflect on how the word-thing is worked by AA on two fronts that guide observation: the relationship between music and poetry and the graphic-visual project of the author-creator. The poems that will compose the research corpus will be collected according to thematic-figurative, spatio-temporal and generic criteria, in interaction with other utterances, based on the dialectical-dialogical methodology of comparison. The relevance and pertinence of the proposal lies in the reflection on AA's stylistic trait, as a compositional act and for representing the poetic movement that experiences the verbivocovisuality of language in an intense way, reflecting and refracting a metalinguistic work that highlights a conception of art and language, world and subject. By addressing the issue of verbivocovisuality as a notion of Bakhtinian language in action through AA's poetics, this proposal intends, as a result, to contribute to the Bakhtinian scope and in the spheres of art, media and education, since language constitutes life in a substantial way.

Keywords: Bakhtin's Circle, Verbivocovisuality, Philosophy of Language.

Introdução e Justificativa

Propomos analisar, neste projeto, pela perspectiva bakhtiniana, o trabalho estético de Arnaldo Antunes (doravante AA), a partir do caráter tridimensional e metalinguístico de seus poemas, tendo em vista uma continuação da pesquisa científica em nível de Mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Câmpus de Araraquara, nos anos de 2022 e 2023. Neste trabalho, serão abordadas duas frentes de análise para refletir sobre a poesia arnaldiana: 1. A relação entre música e poesia, com o trabalho de canções ressignificadas em poemas (e vice-versa) e 2. O projeto gráfico dos poemas, por exemplo, a roupagem visual poética de AA, como o trabalho com a tipografia (caligrafias, escolhas de fontes que recebem certo valor e constitui o sentido da obra produzida), cores e distribuição de lexemas, morfemas e fonemas/grafemas, na obra (como construção/produção visual). Esses dois princípios serão pensados do ponto de vista da manifestação concreta, como verbi-vocal e como verbo-visual, já que são estratégias estilístico-retóricas autorais da verbivocovisualidade da poética de AA. Por isso, esses dois caminhos nos levam a um terceiro: um olhar para uma manifestação verbo-voco-visual, de modo constitutivo indissociável.

Ainda que possa parecer que essas linguagens se sincretizem de modos distintos e até separadamente, elas demandam uma leitura cognitiva-cognoscente tridimensional, isto é, verbivocovisual (Paula, 2017), para se chegar ao sentido de cada discurso esteticamente elaborado/produzido. Aparentemente simples, a complexidade ocorre justamente pela relação (diálogo) da explicitação concreta do trabalho com uma, duas ou três códigos, que, internamente, demandam síncrese tridimensional (verbivocovisual) indissociável.

O trabalho de AA se torna um todo arquitetônico que traz certa multimodalidade, feita de modo próprio e ressignificado, a partir de uma perspectiva de linguagem construída por uma gama de influências artísticas, filosóficas e linguísticas. Sua poética, muitas vezes, é vista por um olhar de “estranheza”, já que trabalha esteticamente com gêneros variados, em contato e/ou

síncrese com outros, a caracterizar seu estilo autoral e permitir reflexões sobre noções de gênero, poesia e principalmente, sobre enunciado.

Arnaldo tem sua carreira consolidada em uma integração de linguagens em diálogo sincrético, pois constrói obras que circulam fora da esfera e do suporte cânone. Logo, gêneros discursivos como desenho, poesia, canção, performance, videoclipe, entre outros, são focos de sua estética, principalmente o gênero poético, do qual nos debruçamos nesse trabalho. No entanto, AA brinca com a relativa estabilidade dos gêneros (Bakhtin, 2016), e atua em intergenericidade (Paula, 2012), ponto importante para seu dizer-fazer autoral. Dessa maneira, constrói uma trajetória eclética e multimodal (com trabalhos de síncrese entre gêneros, de modo inovador, trabalho performático, participação na banda Performática, integração na banda Titãs, editoria de revistas, criação poética), que tomamos de modo “inclassificável”, como por ele mesmo designado, já que produz a partir de uma visão verbivocovisual e metalinguística do fazer poético, em elo ininterrupto com a tradição.

Em diálogo com vanguardas brasileiras e europeias, AA cria uma estética própria, intimamente ligada com expressões da poesia, principalmente ao intento concretista da verbivocovisualidade, tomada como potência e expressão tridimensional. O grupo Noigandres (composto por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari) cunhou a partir de James Joyce e outros artistas, essa concepção de linguagem que revoluciona o tratamento poético, pois, do ponto de vista da invenção/criação, a linguagem cotidiana é entendida e tomada como palavra-coisa, constituída por imagem (tipografia, cores, relevos, projetada em novos suportes, com recursos de registros variados), música (entoação, recursos sonoros, figuras de linguagem, sons do mundo - musicais ou não) e materialidade verbal (uso do sistema linguístico, misturas de línguas, construção de novos lexemas etc.), de maneira sincrética

unitária, até mesmo com a proposição de instalações e outros gêneros discursivos não-canônicos (“estranhos”) ao que comumente se considera como estratégia poética¹.

Tomamos AA como neoconcreto, uma vez que a tradição poética concretista do grupo Noigandres é a sua maior influência, já que estabelece uma retomada da verbivocovisualidade, embora feita de modo singular. Desse esteio, dialoga em elo responsivo e singular com a tradição poética moderna e concretista, de uma posição contemporânea e própria. Portanto, AA é um ícone a ser estudado, de maneira dialética-dialógica, como representante de uma determinada tradição que preza por uma concepção de linguagem, de arte, de mundo, de fazer estético, e de viver poético responsivo-responsável. Assim, revela uma posição de estar-viver na contemporaneidade. Ainda, AA ressignifica a concepção de arte, poesia e canção porque retoma o projeto antropofágico, como concebe, especialmente Oswald de Andrade, a partir da segunda geração do manifesto, como elemento substancial de brasilidade *high-tech* e primitiva ao explorar recursos que evidenciam um movimento de contrários e contraditórios como traço verbivocovisual.

Ao entender a linguagem como ideologicamente saturada, dada em enunciados em diálogo vivo e produzida por sujeitos que refletem e refratam, no seu dizer, vozes sociais embativas de forças contrárias, como atos enunciativos materializados em gêneros discursivos, nos fundamentamos na filosofia da linguagem bakhtiniana para calcar uma visão de verbivocovisualidade como proposição que, mesmo não sendo assim nomeada, está presente nas discussões do Círculo.

Desse esteio, a característica da síncrese multimodal estabelecida pelo grupo Noigandres se tornou um traço estilístico e uma visão compreensiva-ativa da produção poética e de uma concepção de linguagem. A palavra (verbal) é integrado com o som (vocal) e com a imagem (visual), bem como marcada em sua constituição cognoscível (Volóchinov, 2017).

¹ Noção questionada pela proposição concreta e neoconcreta, como veremos na poética de AA.

Como Saussure designa, o signo linguístico é constituído de significante (ou plano da expressão, para Hjelmslev), composto de forma e substância do material acústico expressado na prosódia e discursivamente pela entonação, mesmo que de maneira interna (discurso interno); significado (plano do conteúdo, conforme Hjelmslev), composto por substância e forma do conceito abstrato, que se realiza na consciência cognoscível (Volóchinov, 2017), semioticamente, como imagem/conteúdo mental (abstrato).

Mesmo uma leitura cânone bakhtiniana que se debruce ao verbal, não se pode ignorar que o contexto russo de certo stalinismo persecutório (século XX, anos 20 e 30), permitiu formações de grupos de intelectuais de áreas diversas, com debates amplos que formam a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin. Por exemplo, Medviédev fundou uma companhia de teatro mambembe e traz questões da performance teatral e oralidade para suas reflexões de linguagem, Sollertinski e Volóchinov, estudaram música de concerto e ópera, e Volóchinov e Jakubinskij voltaram-se à relação entre discursos orais, cotidianos e linguagem artística, Bakhtin trabalha com o discurso verbal na enunciação (gestos, leitura em voz alta, expressões faciais e corporais etc. e se interessou por teatro.

Considerando esse contexto e aliado às obras do Círculo, entendemos o que Bakhtin (2011, p. 311) define como “potencial linguagem das linguagens única”, como uma proto-linguagem, correspondente à constituição semiológica, sendo esta a proposição tridimensional do Círculo. Mesmo que não com essa nomenclatura, a verbivocovisualidade aparece como traço da proposição do grupo, como apontam os estudos de Paula (2017).

Para Volóchinov (2017), o ideológico se expressa (semiologicamente/cognoscivelmente) em signo/enunciado, isto é, na palavra de modo concreto. No entanto, essa materialização não é apenas uma explicitação semiótica nem em síntese parcial, já que, na teoria bakhtiniana, a concretude enunciativa se dá primeiramente como proto-linguagem interna na consciência cognoscível e depois se explicita em enunciados

materializados em determinado gênero discursivo. Por isso, todo e qualquer enunciado é sempre verbivocovisual porque passa pelo processo interno. Paula (2017) entende a linguagem pelas três dimensões (verbal, vocal/sonora e visual), calcada na percepção do Círculo e na premissa de que o signo linguístico é composto de forma e substância do material acústico, logo, ao enunciar signos, internamente o sujeito constrói uma imagem cognoscível e se refere a um objeto no mundo social, a mostrar a verbivocovisualidade como constituinte da palavra.

AA, com influência da poesia concreta, experimenta a linguagem, cria uma poética dinâmica, de proposição verbivocovisual. A linguagem é tomada como palavra-coisa, a máxima potência do entendimento tridimensional da linguagem. A partir do que denomina como intuito primitivo da linguagem², a palavra-coisa de Arnaldo, inspirado na poesia concreta, é colocada em prática a partir da exploração da potencialidade e materialidade da linguagem: usa recursos formais em dinâmica com o conteúdo para que a própria linguagem se torne um corpo formal com possibilidades de sentido, uma realidade em si e não algo que represente uma realidade externa. Dessa maneira, a palavra é vida e se constitui nela, torna-se coisa completa por si só. Como Volóchinov (2019) afirma sobre a linguagem “[...] *é o produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto economia quanto sociopolítica da sociedade que a gerou* (2019, p. 248 – grifos do autor), assim, a palavra é o próprio objeto em poesia, de maneira sincrética unitária.

Pela experimentação genérico-discursiva, AA questiona a realidade da linguagem e extrapola seus limites em um dizer-fazer estético que usa da palavra-coisa, de intento verbivocovisual, para criar poemas neoconcretos que transmitem uma ótica de vida. Para isso, o signo é ideológico, considerado em âmbito social porque emergem e se concretizam na interação viva, a refletir e refratar, ético e responsabilmente, posicionamentos socioculturais

² No ensaio “Sobre a origem da poesia”, inserido no livreto do espetáculo *12 Poemas para dançarmos*, dirigido por Gisela Moreau, em 2000, Arnaldo desenvolve seu raciocínio, mais bem desenvolvido em “Fundamentação Teórica”.

nos enunciados/poemas, a construir realidades, uma perspectiva de palavra, ser-sujeito e mundo.

São traços identitários da sua poética, em cumprimento com a verbivocovisualidade concretista, joyceana e até bakhtiniana: a exploração da linguagem em nível morfológico, sintático e semântico, já que aglutina radicais e morfemas, executa polissemias lexicais através da simultaneidade, usa de tipografias e caligrafias para promover sentidos visuais e vocais/sonoros, combina textos, gráficos e imagens, colocando-os em movimento, adiciona sons, animações, usa da tecnologia disponível, usa de figuras de linguagens para inversões, repetições e sinestesia, faz trocadilhos, desloca elementos, adiciona ilustrações, utiliza os espaços disponíveis, separa vocabulários, brinca com a pontuação, faz versos a sua maneira, explora a diagramação, transpõe o poema para novos suportes e coloca cores para representar sons. Essas estratégias são possíveis pela linguagem verbivocovisual em fusão das dimensões que significam em conjunto e sem dissociação, formando esse todo de sentido verbivocovisual.

Tendo em vista a proposição elaborada pelo Círculo bakhtiniano, buscamos, com este projeto, pesquisar como a verbivocovisualidade constitui a arquitetura arnaldiana e, por meio da poética de AA, relacionar essa concepção joyceana e concretista à proposição bakhtiniana de linguagem e de enunciado, tendo em vista a relação interna-externa, de potencialidade e materialidade, para verificar traços dessa percepção de linguagem na proposta do grupo russo, como já têm estudado Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b), entre outros pesquisadores do GED – Grupo de Estudos Discursivos e como integramos em nosso percurso em desenvolvimento [com as Iniciações Científicas realizadas ao longo dos 4 anos de graduação – com 3 pesquisas (PIBIC-CNPq AF), com a pesquisa de Mestrado desenvolvida, com a Capacitação de Pesquisa realizada em Londres, na *Queen Mary University*, em 2024, com apoio Capes-Print].

Neste projeto, o foco se centra em analisar o *corpus*³ de poemas, em cotejo com outras produções, que abarcam o imaginário de AA, a fim de mostrar a preocupação com a afirmação de uma concepção verbivocovisual de linguagem e de poesia como uma constante de sua arquitetônica. Partimos do pressuposto que o próprio autor-criador designa seu fazer estético como “inclassificável”, como uma forma de afirmar seu posicionamento de ruptura com a tradição, pois calca-se na “relativa estabilidade” genérica e sua interação com outros gêneros e esferas. Ao misturar códigos em sua arquitetônica, AA se preocupa com a tentativa metalinguística de se autodesignar e autocaracterizar, logo, pode questionar a realidade linguística por meio da experimentação genérico-discursiva.

Para cumprir com a proposta aqui explicitada, dialogamos o projeto de dizer de AA com o do grupo Noigandres, fundador da proposta de verbivocovisualidade da poesia concreta no Brasil, uma vez que, como dissemos, os concretistas formularam sua visão tridimensional de linguagem ao pensarem na proposição e no termo elaborado por Joyce para seus romances. Com isso, experimentam, em ato, a *pravda* da proposição verbivocovisual da linguagem que chega a AA, de modo próprio, como uma concepção de arte e de linguagem interativa, que demanda interações, constitutivas do ser e sociedade (multimodal). Por isso, a necessidade e a relevância deste estudo, por meio de um percurso histórico, poético e filosófico.

Em um percurso que se debruce sobre o contexto russo, as obras do Círculo, relacionadas a alguns estudos de pesquisadores do Brasil e do mundo, notamos um diálogo entre a concepção bakhtiniana de linguagem com outras proposições, de diversos autores e áreas do conhecimento. A verbivocovisualidade aparece como característica da proposição bakhtiniana, ainda que não com esse termo nesse complexo quadro aqui rapidamente traçado, com base em Paula e Luciano (2020).

³ O *corpus* será citado na parte metodológica desse trabalho. Para não ficar redundante e por questão de espaço, não nos debruçaremos sobre essa questão aqui.

Para atingir os propósitos aqui elencados, trabalharemos com os conceitos de linguagem e enunciado do Círculo, a partir dos textos-fonte dos autores e de pesquisadores da área (tais como Amorim, Brandist, Brait, Faraco, Geraldi, Grillo, Haynes, Machado, Marchezan, Paula, Ponzio, Stafuzza, Tihanov, Villarta-Neder, Wall, Zavala, entre outros). Afinal, a concepção complexa de linguagem, como dissemos, ainda que não explicitada pelo termo verbivocovisual nas obras bakhtinianas, advém de seu arcabouço teórico, em conjunção com outros estudiosos canônicos da linguística (como Saussure e Hjelmslev, por exemplo) que, mesmo de um outro ponto de vista epistêmico, já trabalham essa questão ao tratarem das concepções de signo, linguagem, semiose e consciência, como apontado por Paula (2017) e seu Grupo de Estudos (o GED), num desdobramento epistemológico que engloba os enunciados multimodais e alarga o entendimento sobre linguagem, a partir dos arcabouços bakhtiniano e concretista, na contemporaneidade. Ao tratar disso, a partir da poética de AA, esta proposta também pretende contribuir com os estudos do campo (bakhtiniano).

A pertinência deste projeto se encontra em, a partir e por meio da estilística poética de AA, estudar sobre a verbivocovisualidade, tomada como centro, tanto da estética arnaldiana, quanto de determinada corrente do pensamento filosófico e do estético-literário. Com isso, esta pesquisa pretende contribuir com os estudos da linguagem, ampliar o escopo do campo de pesquisa bakhtiniano e refletir sobre a relação arte-linguagem viva, como elemento constitutivo do ser e da cultura. Socialmente, enfatizamos a relação desta proposta de estudo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, pois a pesquisa tem impacto social e revela a sua relevância especialmente ao considerarmos o seu vínculo estreito com o ODS 4 – Educação de Qualidade, uma vez que, com o seu desenvolvimento, este estudo se volta à inovação teórico-metodológica e analítica da verbivocovisualidade, a partir da poesia neoconcreta de AA e, indiretamente, apresenta uma contribuição epistemológica para a

área, pois colaborará com a noção de linguagem (especialmente, de linguagem poética) e com os multiletramentos, em variadas esferas.

Objetivos

Os objetivos desta pesquisa se dividem em Geral e Específicos, destacados como:

Objetivo Geral

- Refletir sobre a verbivocovisualidade como proposta integral filosófica de linguagem do Círculo de Bakhtin, pela ressonância da concepção de palavra-coisa na poesia arnaldiana, tomada a partir de uma exploração tridimensional da linguagem.

Objetivos Específicos

- Analisar a arquitetura poética de Arnaldo Antunes para demonstrar a metalinguagem como um elemento potencial que define o trabalho com a palavra-coisa, tomada em verbivocovisualidade enunciativa material, a partir de duas frentes: 1. A relação entre música e poesia, com canções ressignificadas em poemas e vice-versa, e 2. O projeto gráfico da poética de AA, com o trabalho da caligrafia, tipografias, cores, distribuição de lexemas, morfemas e fonemas/grafemas, como uma produção visual;
- Desenvolver aspectos metodológicos de análise, calcados na verbivocovisualidade;
- Ampliar o escopo bakhtiniano a partir das análises da poética de AA, em sua constituição verbivocovisual, calcada na abordagem brasileira em diálogo com outros modos de mobilizar o campo bakhtiniano, especialmente, os estudos culturais ingleses, voltados para a linguagem poética (por isso, continuar o diálogo com o Professor Galin Tihanov, da *Queen Mary University of London*, uma vez que, em período de mestrado, com bolsa de Capacitação CAPES-Print, tais contribuições foram iniciadas).

Fundamentação teórica

A perspectiva teórica deste trabalho se centra na filosofia da linguagem bakhtiniana, calcada no pensamento sobre linguagem e diálogo, junto com a noção de verbivocovisualidade, que se destacam como base teórica desta pesquisa. Volóchinov aponta que “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica*” (2017, p. 93 – grifos do autor), assim, tudo o que é ideológico se expressa semiológica/cognoscivelmente em signo/enunciado, isto é, na palavra, de modo concreto.

Entendemos a materialização/concretude do enunciado de modo mais complexo, não sendo mera identificação com a explicitação semiótica (se um enunciado se apresenta como verbal, visual ou vocal/sonoro; ou em síncrese parcial – verbo-visual, verbo-vocal ou voco-visual), pois a partir da proposição concreta (realizada pelo grupo Noigandres, no *Tratado da Poesia Concreta*) e pelo escopo do Círculo (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, Jakubinskij, Sollertinski, Yudina), verifica-se: 1) a concretude enunciativa se processa, primeiramente, como uma proto-linguagem, internamente, na consciência cognoscível e, depois, explicita-se em enunciado, materializado de dada maneira, em determinado gênero discursivo, 2) mesmo que um enunciado, a primeira vista, seja exclusivamente materializado por um código, como depende deste primeiro processo (interno), apresenta tridimensionalidade, por isso, é verbivocovisual.

Por isso, consideramos, a partir de Paula (2017), que a linguagem se caracteriza por essas três dimensões (verbal, vocal/sonora e visual). Mesmo que “apenas” se considere o signo verbal, esse é verbo-vocal ao considerarmos a sua entonação prosódico-discursiva, já que todo signo linguístico é pronunciável vocalmente e, a depender do tom, tonalidade e entoação, no ato da expressão viva, se torna um enunciado, como afirma Volóchinov (2019). Da mesma maneira, ao enunciar um signo, internamente, se processa uma imagem cognoscível que se

refere a um objeto (mesmo abstrato, como um signo emotivo-volitivo) do mundo social. Assim, afirmamos que o signo é verbivocovisual.

A partir da proposição concretista e da poesia neoconcreta arnaldiana, essa construção enunciativa se expressa em máxima potência, pois a palavra-coisa, uma noção empregada para trabalhar a exploração da potencialidade e materialidade da linguagem, quer, como objetivo de intuito “primitivo”, a fusão explícita dessa tridimensionalidade. Arnaldo escreve em seu ensaio “Sobre a origem da poesia”⁴, a explicação dessa concepção:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não-poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

(...)

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermediam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação pois vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “o estudo das línguas dos povos primitivos e a paleontologia contemporânea das significações levam-nos a uma conclusão acerca da chamada ‘complexidade’ do pensamento primitivo. O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc”. Tais usos são (...) bastante comuns à poesia, que elabora seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre.

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou assim como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade (Antunes, 2000, s/p).

⁴ Texto na íntegra inserido no libreto do espetáculo *12 Poemas para dançarmos*, dirigido por Gisela Moreau, em 2000.

De certa forma, Antunes explicita sua concepção de linguagem e de poesia, ainda, cita Bakhtin/Volóchinov para corroborar com sua noção neoconcreta que concebe, em diálogo com essa possível linguagem primitiva, questionamentos sobre a relação arbitrária do significante e significado linguístico, a ampliar a noção verbal para referências ideológicas que necessitam de um movimento entre linguagem interior e exterior do enunciado, a capturar vocalidade e visualidade para compreender um todo enunciativo. Portanto, a palavra-coisa é a capacidade da linguagem em ser algo e não apenas falar sobre isso, potencialmente e materialmente dado pela verbivocovisualidade, já que as dimensões, juntas, formam uma estrutura-corpo que captura sentidos, que podem refletir e refratar uma visão axiológica. Com isso, esse trecho traz à tona o projeto de dizer da poética arnaldiana, que coloca a poesia como o espaço que melhor expressa esses conceitos, sempre em diálogo com a concepção de linguagem concreta verbivocovisual, tendo como embasamento a noção bakhtiniana, textual e diretamente citada.

Consideramos o signo linguístico vivo, ideologicamente saturado, constituído e expresso na e pela linguagem instaurada em solo social. Como Medviédev (2012, p. 49) aponta sobre a ideologia, essa “não se situa dentro de nós, mas entre nós”, dessa maneira, os signos compõem os enunciados que emergem e se expressam em interação, por sujeitos socialmente organizados, a refletir e refratar posicionamentos socioculturais, organizados em enunciados que constroem realidades de linguagem, em responsividade. Por isso, “A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sígnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas” (Volóchinov, 2017, p. 98).

A perspectiva de linguagem deste trabalho é capaz de compreender que “Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (Volóchinov, 2017, p. 94). Assim como afirma Bakhtin (2011, p. 311), essa linguagem sustenta “Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua”, pois:

por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio *[o sistema]* sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); conseqüentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens) (Bakhtin, 2011, p. 311 – destaque nosso por se tratar de adaptação do texto).

O verbal passa a ser verbivocovisual. Pela teoria do Círculo de Bakhtin, há a percepção de uma linguagem englobante, composta pelas dimensões verbal, vocal/sonora e visual, materializada potencial (interna) e/ou explicitamente (externamente) em enunciados organizados pelo projeto de dizer do sujeito, configurados em gêneros discursivos em esferas de atividades, em movimento dialético-dialógico de produção, circulação e recepção. A verbivocovisualidade se apresenta na relação das marcas enunciativas explícitas e internas, na consciência cognoscível, construindo os sentidos, em interação viva.

AA, com sua percepção inclassificável de si, cria poemas (neo)concretos, experimentais e videopoesias que compõem sua arquitetura, a explorar a verbivocovisualidade em sua poética, já que trabalha a materialidade da palavra/linguagem com as três dimensões simultânea e explicitamente, como objetivo do seu projeto de dizer, dada a metalinguística como temática e figurativização. Essa questão da tridimensionalidade da linguagem como uma concepção poética é o centro desta proposta de pesquisa, sendo basilar na arquitetura composicional arnaldiana e bakhtiniana, a ilustrar com as poesias neoconcretas, de forma viva e refletida e refratada, formam uma concepção de linguagem, ser-sujeito e mundo.

A questão genérica é essencial para esta pesquisa. A normatividade de um gênero discursivo pode mudar ao longo do tempo, uma vez que o gênero apreende a realidade, a surgir ou atualizar um existente. A poética de AA, inspirada no concretismo, renova o gênero poético, além de explorar a relativa estabilidade genérica, ao permitir que poemas se tornem canções e

vice-versa. Essa mistura de gêneros ocorre pela necessidade do autor de buscar novas formas de se expressar, por isso, trabalha com a intergenericidade Paula (2012) em retroalimentação genérica constitutiva, alterando outro gênero.

Dado que enunciados se ligam as esferas e situação enunciativa para seu acabamento, essa finalização é, de certa maneira, inacabada, porque se encontram em constante circulação e atualização. Essa estrutura arquitetônica enunciativa marca o pertencimento do enunciado a determinado gênero, a poder variar e gerar, novas possibilidades de produção, a cada esfera de comunicação discursiva, por isso, as duas frentes de olhar a poética arnaldiana se justificam.

Como um exemplo analítico, pensando a relação música e poema⁵, trouxemos o poema “O que” (1986) de AA, que faz parte do *corpus* de pesquisa deste projeto, em cotejo com a canção e mesmo título gravada em 1989, pelo Titãs, grupo de *rock* do qual AA fez parte. Nesses dois enunciados distintos, há a mesma textualidade, porém, com acabamentos estéticos diferentes (poema e canção). Isso acontece pelo estabelecimento de uma nova esfera que atualiza o enunciado, a permitir que circule em novos tempos-espacos e mude sua forma composicional. No entanto, a intergenericidade permite trocas na arquitetônica e mantém a unidade temática, sendo estável.

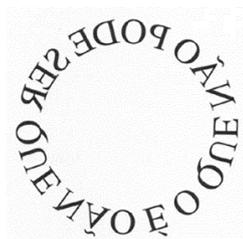


Figura 1: poema "O que" (1986)

O QUE
Que não é o que não pode ser que
Não é o que não pode
Ser que não é
O que não pode ser que não
É o que não⁸⁸
Pode ser

⁵ Por questões de espaço, optamos em trazer um esboço analítico de uma das frentes que marcam a perspectiva dessa pesquisa, como já citado.

Que não
 É
 O que não pode ser que
 Não é o que não pode ser
 Que não é o que
 O que?
 O que?
 O que?
 O que?
 Refrão: (2x)
 Que não é o que não pode ser
 Que não é o que não pode ser
 Que não é o que não pode ser
 Que não é 8x
 Ser que não é {REPETE}
 {Refrão} 2x
 Pode ser
 É
 Pode ser pode ser pode ser pode ser
 É
 Pode ser
 É
 Pode ser pode ser pode ser pode ser
 Ser que não é (Titãs, Cabeça Dinossauro, 1986).

A verbalidade apresenta escolhas lexicais de diversas classes de palavras e traz uma estrutura morfológica específica. Cada item é distribuído sem seguir uma poesia cânone, já que os versos são postos em um círculo. Dessa maneira, a verbalidade é trabalhada visualmente, a promover inúmeras relações sintáticas e possibilidade de entendimentos. O leitor interage com o poema visual: este precisa mover o livro ou a cabeça para realizar a leitura e “completar” o sentido do enunciado. Não há fim ou início e a circularidade evoca uma sonoridade dado às rimas internas: a presença de aliteração (como a repetição de /q/) e assonância (com a repetição vocálica de /e/ e /o/) trazem oralidade para o poema que não apresenta rimas tradicionais. A canção apresenta as mesmas características de verbalidade e vocalidade, embora, a circularidade esteja presente na escolha de leitura representada pela letra, dado em vestígios verbivocovisuais que expressam, de modo repetitivo, a visualidade evocada mentalmente.

A noção de autoria também é essencial nesta pesquisa. Arnaldo Antunes, enquanto autor-criador, posiciona-se fora de sua poética porque empreende seu dizer a um leitor ideal por

meio de um sujeito-lírico outro ou ao objetificar sua palavra, viva por si, sem um interlocutor-mediador entre ele (autor-criador) e seu outro (leitor). Quando constrói um poema que apresenta um sujeito-narrador-personagem, este assume uma função estético formal que reflete e refrata uma voz social que, em contato com o leitor ideal, compõe sua palavra-coisa viva, a poesia.

A dialogia é o centro nevrálgico que ancora a proposta desta pesquisa, uma vez que os poemas do *corpus* serão analisados em diálogo com enunciados do autor, para compor a poética arnaldiana, a partir do cotejo evidenciado pelo método escolhido. Ainda, o engajamento do autor-criador manifesta interações de vozes sociais, como dupla refração da vida, semiotizada pela configuração estética da linguagem poética que interage com outros enunciados, sujeitos, estéticas e culturas.

A vida se expressa em nossos enunciados, assim, a arte parte da vida e a reconfigura, atribuindo-lhe sentido, sendo interligadas. Nas obras de AA, em potência elevada. As noções teóricas apresentadas amparam nosso estudo e fundamentam a pesquisa proposta, ainda, a poética arnaldiana é, como ele afirma, “inclassificável”, dada a sua amplitude e complexidade que não aceita enquadramentos, por isso trabalharemos com poemas que mostra um sujeito em linguagem e uma linguagem entre sujeitos, já que participamos da vida por meio do diálogo e nos colocamos na linguagem, em elo e unicidade.

Plano de trabalho e cronograma de sua execução

O cronograma de produção da pesquisa está apresentado no formato de tabela, sendo dividida em oito semestres, somando 48 meses. Os dois últimos meses que completam os 50 previstos para completar o curso de doutorado são incluídos no fim da tabela sob o título “meses finais”.

Atividades como publicação de artigos em revistas científicas e participação em eventos da área de linguística não são incluídos na tabela, já que são dependentes de fatores e

agendas externas, ainda não publicadas. Entretanto, essas atividades serão efetuadas sempre que possível no decorrer dos 50 meses.

Os encontros entre orientadora e orientanda serão semanais, assim como a participação da aluna nas reuniões do GED – Grupo de Estudos Discursivos, coordenado pela orientadora.

A pesquisadora se compromete em participar, com apresentação de trabalho, de, pelo menos, quatro eventos acadêmicos expressivos da área no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, assim como se compromete a apresentar os resultados da pesquisa em forma de publicação de, no mínimo, dois artigos em periódicos de alto impacto indexados e bem qualificados na área ou capítulos de livros com seleto corpo editorial.

Tabela 1: Cronograma dos 50 meses do curso de doutorado.

	1° Sem.	2° Sem.	3° Sem.	4° Sem.	5° Sem.	6° Sem.	7° Sem.	8° Sem.	Meses finais
Participação de disciplinas de pós-graduação	X	X	X	X	X				
Coleta e leitura de bibliografia	X	X	X						
Seleção de material para <i>corpus</i> e cotejo	X	X	X						
Descrição do processo metodológico			X	X	X				
Elaboração do referencial teórico				X	X	X			
Contextualização				X	X	X			
Análise do <i>corpus</i>					X	X	X		
Análise do cotejo					X	X	X		
Exame de qualificação							X		
Revisão e ajuste ao texto final							X	X	X
Defesa da Tese								X	
Participação em grupo de estudo	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Enfatizamos que as atividades ocorrerão de maneira concomitante, como pode ser visualizado no cronograma.

Material e métodos

A proposta de pesquisa aqui apresentada se caracteriza como qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, com metodologia dialético-dialógica (Paula L, Figueiredo, Paula S,

2011), calcada nos estudos bakhtinianos, que considera o movimento discursivo como jogo social por meio da linguagem (no caso, entendida como tridimensional), em cotejo.

A partir dos critérios metodológicos (1º) temático-figurativo (metalinguagem: poemas neoconcretos que tratem da temática da linguagem poética ao se constituírem, figurativamente, como poesia neoconcreta, com o estilo autoral de AA, a partir das duas frentes citadas anteriormente: a relação música e poesia, como também o projeto gráfico-visual), (2º) temporal (poemas produzidos de 1983 a 2021, compreendendo toda a arquitetônica do autor-criador pesquisado), selecionaremos os poemas, sem nos calcar em um equilíbrio numérico entre as produções em cada obra publicada, por isso o critério quantitativo não nos é essencial.

Como de 1983 a 2021 se passam 38 anos de publicação, a delimitação dos poemas está em processo de construção, devido a extensa produção arnaldiana, a necessitar de um caminho de leitura e delimitação cuidadosa. De todo modo, os poemas serão analisados de maneira situada e interacional para pensarmos o processo integral da arquitetônica verbivocovisual neoconcreta arnaldiana.

Segundo o pensamento bakhtiniano, no qual fundamentamos nossos pressupostos teóricos (especialmente calcados nos conceitos de dialogia, enunciado, estética/poética, reflexo-refração-dupla refração, signo ideológico e autoria, entre outros⁶, junto com a noção de verbivocovisualidade), a interação língua(gem), história e sociedade não é vista como “extralinguística”, mas sim constitutiva da palavra (entendida como verbivocovisual) e essa concepção fundamenta esta pesquisa.

⁶ Como os conceitos do Círculo não aparecem nem podem ser tratados de modo isolado, uma vez que um descende do outro, a quantidade de noções citada pode parecer extensa, todavia, dada a circunstância de formulação e abordagem metodológica dialógica, várias noções serão abarcadas em conjunto, uma vez que não se dissociam. Por exemplo, trabalhar a ideia de estética de Bakhtin implicará trabalhar a noção de ética, de ato, de ideologia e de signo ideológico para pensarmos a poética arnaldiana, tendo em vista a concepção bakhtiniana tridimensional de linguagem. Como refletir sobre a concepção de uma linguagem verbivocovisual a partir da filosofia bakhtiniana, da noção joyceana e da concepção concretista de verbivocovisualidade, em ato na poética de AA, é um objetivo dessa pesquisa, não podemos nos furtar de realizar essa movimentação entre teoria filosófica, estudos culturais, literários, historiográficos e análise discursiva.

Pensaremos a temática, a figurativização e o estilo arquitetônico “inclassificável” de AA e refletiremos sobre a verbivocovisualidade da linguagem, de modo dialético-dialógico. Afinal, conforme Paula L, Figueiredo e Paula S (2011, p. 92):

[...] para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente.

A interação discursiva aqui empregada prevê a síntese não como um ponto final, mas sim como recomeço, a nortear a pesquisa a ser desenvolvida, com diálogo alteritário entre enunciados, em um embate incessante e inacabado (como jogo infundável que mobiliza historicidades – anterioridades/passado e posterioridades/futuro – e sujeitos – eu-outro – , em seus atos de linguagem), mas com acabamento estético/poético. Esse movimento vivo da linguagem é que possibilita as reflexões propostas sobre a poética verbivocovisual arnaldiana.

A metodologia de análise verbivocovisual será desenvolvida em conjunto com a orientadora, com base nos estudos de Paula (2017) e de Paula e Luciano (2022a), considerando os recursos tecnológicos e os estudos existentes na seara do audiovisual, assim como definem as normativas científicas. Os dados produzidos, serão coletados de modo físico e/ou digital oficial, armazenados bibliográfica ou digitalmente em arquivo pessoal seguro, com autorização prévia do autor para utilização em pesquisa e, quando for o caso, divulgação dos resultados (em formas de artigos, capítulos de livros, apresentações de trabalho e da própria tese). O procedimento de produção dos dados obedecerá às normas de coleta específicas ao trabalho de pesquisa com materiais poéticos e audiovisuais, conforme a ABNT. Os dados gerados terão como base a materialidade disponibilizada e autorizada, portanto, nos responsabilizamos pela condução das boas práticas de pesquisa.

Forma de análise dos resultados

Os resultados da pesquisa serão analisados de maneira qualitativa e serão apresentados em artigos científicos, bem como em apresentações em eventos, além de ter a escrita da tese como o produto mais bem trabalhado na apresentação dos resultados da pesquisa.

A pesquisadora se compromete em apresentar seus resultados em, no mínimo, quatro eventos acadêmicos expressivos da área no decorrer do desenvolvimento do doutorado e se compromete ainda a apresentar os resultados da pesquisa em forma de publicação, de no mínimo, dois artigos em periódicos indexados na área ou capítulos de livros.

BIBLIOGRAFIA⁷

ANTUNES, A. *Ou E*. São Paulo: Edição do artista, 1983.

ANTUNES, A. *Psia*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

ANTUNES, A. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

ANTUNES, A. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

ANTUNES, A. *Nome*. Rio de Janeiro: BMG, 1993.

ANTUNES, A. *2 ou + corpos no Mesmo Espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ANTUNES, A. *Doble Duplo*. Barcelona: Zona de Obras / Tan, 2000.

ANTUNES, A. *Palavra Desordem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ANTUNES, A. "Palavra". In: GULLAR, F. *Boa Companhia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ANTUNES, A; BISCAIA, M.A; BAPTISTA, J.V. *Outro*. Curitiba: Mirabilia, 2001.

ANTUNES, A; GOMES, P. *Alma*. 2001. Disponível em: <https://youtu.be/CkmIbjJr1n0>.

Acesso em: 18 mai 2020.

ANTUNES, A; XAVIER, M. *ET Eu Tu*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

⁷ As referências aqui elencadas se referem à bibliografia básica utilizada e consultada para a confecção deste projeto e ainda a algumas obras a serem estudadas ao longo da pesquisa. Não se trata, no entanto, de uma bibliografia fechada. Ela será complementada de acordo com nossos estudos.

- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Rio de Janeiro: 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. Rio de Janeiro: 34, 2013.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: UNESP e HUCITEC, 1988.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a Estilística*. São Paulo: 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. S.P.: 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III: O romance como gênero literário*. Rio de Janeiro: 34, 2019.
- BAKHTIN, M & DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro & João, 2008.
- BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.
- BRANDIST, C.; TIHANOV, G. (orgs.). *Materializing Bakhtin: The Bakhtin Circle and the Social Theory*. Basingstoke: Macmillan, 2000.
- BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: Leituras bakhtinianas*. São Carlos: Pedro & João, 2016.
- CALEFATO, P.; PONZIO, A.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007.
- CASSOTI, R. S. *Il linguaggio musicale nel circolo di Bachtin, Ivan Sollertinskij, Marija Judina*. Tese de Doutorado. Bari: Universidade de Estudos de Bari, 2002 (Mimeo).
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- HAYNES, D. J. *Bakhtin and the visual arts*. Nova Iorque: Cambridge, 2008.
- IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, [S.l.], n. 6, p. 239-267, nov. 2011. ISSN 2176-4573. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/6089> >. Acesso em: 23 maio 2020.
- JAKUBINSKIJ, L. *Sobre a fala dialógica*. São Paulo: Parábola, 2015.
- LOMUTO, M.; PONZIO, A. *Semiotica della musica*. Bari: Graphis, 1997.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, L. de. *A intergenericidade da canção*. Projeto de Pesquisa trienal da orientadora na UNESP. Assis-SP: UNESP, 2012 (Mimeo).

PAULA, L. de. *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. Projeto de Pesquisa em andamento. Período de 2017- atual. Mimeo, s/d.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. *Slovo – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, 8(3), 2020a, p. 132-151. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 13 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, 2020b, p. 706-722. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/269>. Acesso em 12 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, 2020c, p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 06 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27 n. 49, 2020d, p. 15-46. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em 04 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no brasil. In: A. B. J.; T. S. B. (Orgs.). *No campo discursivo – teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2020e, p. 133-166.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, V. 21, 13, 2021a, p. 01-13. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_\(A\)_Vol_21_Issue_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em 10 jan 2022.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, 56(3), 2021b, p. 453-464. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em 10 set 2022.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, 11 (25), 2017, p. 178-201. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 06 dez 2021.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Volume 1, Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis*. Volume 2, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Volume 3, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: concepções em construção*. Volume 4, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

POESIA É Risco: *antologia poético musical, de O rei menos o reino a Despoemas, em colaboração com Cid Campos*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra9925/poesia-e-risco-antologia-poeticomusical-de-o-rei-menos-o-reino-a-despoemas-em-colaboracao-com-cid-campos>>. Acesso em: 18 de Mai. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

PONZIO, A. *A Revolução bakhtiniana – o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, A. *Arnaldo Canibal Antunes*. Brasil: Nversos, 2013. 296 p. ISBN 9788564013476

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Rio de Janeiro: 34, 2019.

ZAVALA, I. M. *La Posmodernidad y Mijail Bajtin: Uma poética dialógica*. Madrid: Espasa-Calpe, 1969.

ZAVALA, I. (org). *Bakhtin e seus apócrifos*. Barcelona: Antropos, 1997.

ZEMTSOV, I. *Linguagem política soviética*. Londres: OPI, 1985.